



City Research Online

City St George's, University of London

Citation: Recuero, R., Bastos, M. T. & Zago, G. (2014). Narrative and violence: the Brazilian Autumn coverage on Twitter. *Matrizes*, 8(2), doi: 10.11606/issn.1982-8160.v8i2p191-217

This is the published version of the paper.

This version of the publication may differ from the final published version. To cite this item please consult the publisher's version.

Permanent repository link: <https://city-ref-test.eprints-hosting.org/id/eprint/16380/>

Link to published version: <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v8i2p191-217>

Copyright and Reuse: Copyright and Moral Rights remain with the author(s) and/or copyright holders. Copies of full items can be used for personal research or study, educational, or not-for-profit purposes without prior permission or charge, unless otherwise indicated, provided that the authors, title and full bibliographic details are credited, a hyperlink and/or URL is given for the original metadata page and the content is not changed in any way. For full details of reuse please refer to [City Research Online policy](#).

Narrativa e violência: a cobertura do *Outono Brasileiro* no Twitter*

Narrative and violence: the Brazilian Autumn coverage on Twitter

■ RAQUEL RECUERO **

Universidade Católica de Pelotas, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Departamento de Letras. Pelotas-RS, Brasil

MARCO TOLEDO BASTOS ***

Duke University. Durham, Carolina do Norte, Estados Unidos

GABRIELA ZAGO ****

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação. Porto Alegre-RS, Brasil

Universidade Federal de Pelotas, Centro de Artes, Curso de Design Digital. Pelotas-RS, Brasil

RESUMO

O artigo analisa a cobertura dos protestos que aconteceram no Brasil em junho de 2013. Para tanto, monitoramos 2.852 tweets de dez veículos jornalísticos brasileiros que cobriram os protestos e, através de uma análise de conteúdo, comparamos e identificamos mensagens com enfoque na violência ocorrida durante os protestos. Também comparamos esse discurso aos dados oficiais divulgados pelos veículos jornalísticos a respeito de mortos, feridos e presos em 268 protestos ocorridos no período. Os resultados indicam que a cobertura da imprensa no Twitter é bastante divergente daquela das fontes oficiais, amplificando a violência por focar, sobretudo, esse tópico.

Palavras-chave: Twitter, parcialidade, violência, narrativas, protestos

ABSTRACT

This paper analyses the media coverage of the Brazilian protests that happened in June 2013. We monitored 2,852 tweets from ten news organizations and newspapers that were covering the events on Twitter and, based on content analysis, we compared and identified messages focusing on violence aspects of the manifestations. We also compared this discourse to official data from 268 protests that occurred during the same timeframe, regarding deaths, injuries and arrests. Our results indicate that news coverage on Twitter diverged from official sources, amplifying the violence discourse by focusing tweets' contents on this topic.

Keywords: Twitter, bias, violence, narratives, protests

* O presente trabalho contou com o apoio da Fapergs, projeto número 12/1878-5 e do CNPq, projeto número 408650/2013-3.

** Professora e pesquisadora do Programa de Pós Graduação em Letras da Universidade Católica de Pelotas. E-mail: raquelrecuero@gmail.com

*** Pós-doutorando na Duke University, pós-doutor, doutor e mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo. E-mail: mtbastos@gmail.com

**** Doutoranda em Comunicação e Informação na UFRGS e professora e pesquisadora do Curso de Design Digital da Universidade Federal de Pelotas. E-mail: gabrielaz@gmail.com

DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v8i2p191-217>

INTRODUÇÃO

MUITO SE FALOU da parcialidade dos veículos jornalísticos nas redes sociais quando dos protestos do chamado *Outono Brasileiro* (ou #ProtestosBR¹) em junho de 2013. Durante o período, milhares de manifestantes foram às ruas em centenas de cidades brasileiras em um processo iniciado com os protestos contra o aumento das tarifas de transporte coletivo em várias capitais e depois expandido para outras demandas. Esses protestos, os primeiros organizados e difundidos por meio das redes sociais na internet no Brasil (Malini e Antoun, 2013; Sousa e Souza, 2013; Moraes e Santos, 2013), foram chamados por alguns de *Outono Brasileiro*² e *Revolta do Vinagre*³, e tiveram ampla repercussão online em diversas plataformas sociais, especificamente no Twitter⁴.

Parte dessa repercussão deve-se às já debatidas características do site, especialmente no que diz respeito a sua agilidade para publicações curtas e coberturas via ferramentas *mobile* (Silva, 2008), que atende especialmente aos cidadãos que estão nas passeatas e que enviam seus relatos durante os eventos (Malini, 2013), aos movimentos que organizam as manifestações e, também, aos veículos de mídia tradicional que noticiam estes fatos. Há, portanto, um potencial democrático nestas plataformas, que proporcionam a emergência de uma pluralidade de discursos e narrativas diferentes sobre o mesmo evento. Isso parece particularmente relevante para eventos turbulentos como os protestos ocorridos em junho de 2013. Entretanto, ao mesmo tempo em que esse potencial é reconhecido, muitos trabalhos mostram justamente o oposto. Apesar do potencial democrático do Twitter, poucos atores conseguem efetivamente obter audiência e atenção (Cha et al., 2010). Assim, os discursos e as narrativas sobre protestos parecem ainda depender da atuação de alguns atores principais (notadamente jornalistas e veículos jornalísticos) que acabam por marcar os eventos com suas exposições de fatos por conta de sua maior visibilidade na rede (Poell & Borra, 2011), por vezes constituindo reproduções mais homogêneas do que seria de se esperar pelo potencial das ferramentas. É importante, com isso, discutir que tipo de narrativa foi construída na cobertura dos protestos pelos veículos jornalísticos no Twitter e em que medida essa cobertura reflete os fatos publicados pelos mesmos nas matérias veiculadas em seus respectivos sites.

Neste trabalho, analisamos a categoria da violência como vetor que coordena as coberturas jornalísticas em foco. Protestos, como eventos, tendem a apresentar algum tipo de violência. Entretanto, essa violência é frequentemente descrita pelos veículos jornalísticos de forma parcial, envolvendo uma atenção desproporcional (Ditton & Duffy, 1983; Coleman & Thorson, 2002).

1. Referência à *hashtag* criada para centralizar as narrativas sobre os protestos de junho de 2013 no Brasil.

2. Referência à *Primavera Árabe*, onda de protestos ocorridos em 2010 no Oriente Médio e no Norte da África, ocasião em que as condições dos protestos e o papel da mediação da internet foram igualmente relevantes.

3. O nome *Revolta do Vinagre* foi cunhado pelos organizadores das manifestações quando algumas pessoas foram presas porque carregavam vinagre, um antídoto contra o gás lacrimogêneo usado pela polícia.

4. ANÁLISE do uso do Twitter revela “mapa” de protestos no Brasil. BBC, online. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2013/07/130710_protestos_tweets_hashtags_cc_mdb.shtml>.

Esta repetição do discurso da violência tem efeitos na sociedade, gerando uma naturalização dos conceitos associados propostos (no caso, protestos e violência). Nosso objetivo, portanto, é compreender como a violência dos protestos é narrada pelos veículos jornalísticos no Twitter e como é relacionada com os dados oficiais⁵ divulgados pelos mesmos veículos em seus sites. Para tanto, abordamos a cobertura dos protestos com base em uma análise de conteúdo (a partir da proposta de Krippendorff, 2013) dos termos e enfoques que trazem a violência como temática principal dos veículos jornalísticos em suas postagens no Twitter. Para realizar essa discussão, coletamos e analisamos três conjuntos de dados: Os tweets de 10 (dez) dos veículos jornalísticos identificados como tendo maior impacto na cobertura no Twitter; dados dos retweets gerados por tweets publicados nesses veículos; e, finalmente, os dados oficiais dos protestos divulgados pelos veículos noticiosos em seus sites.

5. Dados divulgados pelos órgãos oficiais e repercutidos pela imprensa. Por exemplo: Secretaria de segurança pública, governo dos estados, prefeitura dos municípios, brigada militar, polícias etc.

MÍDIA, PROTESTOS, PARCIALIDADE E VIOLÊNCIA

Para iniciarmos a discussão, é preciso primeiro analisar como outros trabalhos publicados já demonstraram as influências entre o Twitter e o jornalismo e o papel da plataforma na cobertura de eventos emergentes como protestos, revoltas e desastres, bem como a literatura que enfoca a parcialidade e a violência como categorias nas notícias.

Twitter e Jornalismo

O Twitter⁶ é um site criado em 2006 para publicação de pequenas mensagens de até 140 caracteres para uma audiência de *seguidores*. Em 2012, a companhia afirmava ter mais de 500 milhões de usuários registrados (Lunden, 2012). A interface simplificada e a facilidade de publicar renderam-lhe popularidade rápida, notadamente para o uso em celulares e outras ferramentas móveis. Seu papel em eventos e protestos foi bastante documentado (Kavanaugh et al., 2011; Malini e Antoun, 2013, entre outros).

6. Sobre o Twitter, ver: <<http://www.twitter.com>>.

As relações entre o Twitter e o Jornalismo são objeto de estudo há algum tempo. Java et al. (2007), em um dos primeiros estudos sobre Twitter, identificavam *reportar notícias* como uma das apropriações mais fortes da plataforma. Em sentido semelhante, Kwak et al. (2010), mostraram que boa parte das informações que circulam no Twitter são notícias, ao ponto de sugerirem que a ferramenta estaria mais próxima a um veículo noticioso do que a uma rede social. A partir desta linha, diversos outros trabalhos abordam as apropriações jornalísticas da ferramenta⁷, notadamente para reportar últimas notícias (Vis, 2012), como fonte para o jornalismo (Bruno, 2011), como espaço de discussão de notícias (Bruns & Liang, 2012), como o espaço no qual jornalismo tradicional

7. Uma vez que a mesma não foi criada com finalidade jornalística.

e cidadão se misturam (Hermida, 2010, 2012; Bruns & Highfield, 2012), e como um ambiente propício para novas formas de circulação de notícias (Zago, 2012).

Lasorsa, Lewis & Holton (2012) demonstraram que há uma tendência na apropriação da plataforma pelos jornalistas para a expressão maior de opiniões, prestar contas de seu trabalho e modo de noticiarem, bem como debater com os seguidores. Por outro lado, os jornalistas de veículos maiores tenderiam a agir de forma semelhante aos jornais, envolvendo-se menos no debate, na prestação de contas e na interação com outras pessoas. Embora o estudo refira-se especificamente a tweets da língua inglesa, demonstra que a apropriação do Twitter tende a modificar a ação dos jornalistas.

Em outro trabalho que traz contribuições para a discussão que pretendemos iniciar, Zago & Bastos (2013) identificaram que a ação da audiência, na forma de retweets e postagens com links para notícias, pode contribuir para uma maior ou menor visibilidade das notícias. Em sentido semelhante, Singer (2013) aborda a prática de *gatekeeping secundário* por usuários, na medida em que eles podem ajudar a promover as notícias ao compartilhar e avaliar conteúdos nas redes sociais. Deste modo, os retweets também têm importância pela capacidade de prover os veículos de amplificação da visibilidade de seus discursos, além de outros valores, como a credibilidade (Recuero, 2011).

Twitter, Violência e Parcialidade nas Notícias

O papel do Twitter na construção de narrativas contemporâneas, ou como canal para manifestação de diferentes discursos em momentos de ebulição social e política, foi relativamente bem documentado pela pesquisa na área. Malini e Antoun (2013) discutem o seu papel enquanto organizador e polarizador dos discursos que emergem e falam sobre os protestos, mostrando que a ferramenta se relaciona diretamente com o que acontece nas ruas, amplificando e suportando novas formas de ativismo. Nesta linha, o trabalho de Lotan et al. (2011) sobre as revoluções na Tunísia e no Egito constrói ideias semelhantes. Nesse trabalho, os autores mostram como a ferramenta se presta aos diversos fluxos discursivos ao mesmo tempo em que amplifica e difunde os acontecimentos para outras partes do mundo. Entretanto, os autores também argumentam que as notícias no Twitter são construídas por blogueiros ativistas e jornalistas de veículos informativos, os quais detêm uma grande parte do foco narrativo nos eventos, seja como fontes, seja como partícipes da amplificação das informações. Ou seja, apesar da potencialidade de difusão de pluralidades de discursos, o Twitter ainda reproduziria modelos de concentração de atenção e influência nas narrativas em atores mais relacionados com as atividades de produção de notícias.

Esta perspectiva também foi elaborada por Cha et al. (2010), embora não focada em notícias, que demonstraram que há concentração de influência nos fluxos informativos do Twitter em poucos atores, notadamente, veículos noticiosos tradicionais, especialmente no que diz respeito aos retweets. Poell & Borra (2011) também documentam elementos relevantes durante os protestos no encontro do G20 em Toronto em 2010, mostrando que há uma centralização das narrativas em poucos atores nas redes sociais e salientando a importância dos veículos noticiosos da mídia offline em razão da amplitude da cobertura e popularidade dos veículos.

Estes estudos demonstram que os veículos noticiosos que têm força na mídia offline também têm um foco narrativo relevante na construção dos discursos no Twitter. Indicam que é importante investigar quais discursos são construídos pelas narrativas dos veículos jornalísticos no Twitter. Wei et al. (2013), por exemplo, discutiram a parcialidade dos jornalistas no Twitter, apontando-o como um bom indicador do resultado das eleições no Reino Unido em 2010 enquanto as contas dos veículos tradicionais se relacionavam com a construção de cascatas de informação. Com base na influência das contas de veículos jornalísticos no Twitter sugerida por estudos anteriores, nossa hipótese é a de que a parcialidade da cobertura jornalística também deve se fazer proeminente no material divulgado no Twitter.

O estudo de Smith et al. (2001) discutiu como a mídia retrata e, a partir desta construção, influencia os protestos. De acordo com o trabalho, o foco midiático é relevante para os protestos e, por isso, há um interesse objetivo em ganhar atenção. Entretanto, esta é uma troca complexa, uma vez que frequentemente a cobertura dos protestos também modifica suas agendas.

Outro trabalho que focou estas questões específicas de parcialidade nas coberturas jornalísticas foi o de McCarty, McPhail & Smith (1996). O trabalho propõe dois tipos de parcialidades: a de seleção e a de descrição. A primeira acontece quando os editores selecionam o protesto que receberá a atenção da mídia. O tamanho do protesto, ou mesmo sua relação com outras agendas frequentemente aparecem como critérios de seleção (Smith et al. 2001). A segunda forma de parcialidade é relacionada à hipótese de que, quando os jornais falam dos protestos, o fazem retratando-os e apresentando-os ao público de forma a chamar atenção para a notícia, ou de forma a atrair audiência ou, ainda, por interesses relacionados à manutenção do *status quo*.

Quanto a estas parcialidades no Twitter, Armstrong & Gao (2010) mostraram que há diferenças na cobertura noticiosa por veículos locais e nacionais e trazem uma das questões que é também relevante para este trabalho: de acordo com o estudo dos autores, um dos tópicos que mais aparece nos tweets dos jornais

estudados é *crime e violência*, de forma análoga ao offline. Isso significa que há uma tendência a reproduzir a atenção ao violento também no online. Se a parcialidade a respeito das narrativas dos protestos for influenciada por essa tendência, é preciso que se compreenda como ela reflete os protestos e os sujeitos envolvidos. Conforme explicamos na seção anterior, essa compreensão é necessária para discutir como estas construções podem influenciar a percepção dos eventos.

MÉTODO

A principal pergunta que guia a pesquisa é: como a violência, enquanto categoria descritiva dos protestos de junho de 2013, aparece nas narrativas construídas pelos veículos jornalísticos brasileiros no Twitter? Queremos, com isso, explorar (1) Como esses protestos são descritos enquanto eventos violentos pela cobertura dos veículos jornalísticos no Twitter; (2) Como essa violência descrita é consonante com os dados oficiais apresentados pelos próprios veículos; (3) Quem são os sujeitos ativos e os objetos da violência descrita e como são constituídos na narrativa apresentada. Para conseguirmos atingir estes objetivos, foram elaborados alguns passos na coleta de dados e utilizada, posteriormente, uma análise de conteúdo qualitativa desses dados (Krippendorff, 2013), além da exposição comparativa dos mesmos.

Coleta de Dados

A escolha dos veículos da imprensa foi realizada tendo por base estudos anteriores sobre o mesmo evento no mesmo período (Bastos, Recuero & Zago, 2014). Inicialmente foram selecionadas no Twitter 10 contas de veículos jornalísticos brasileiros mais citados de um conjunto de mais de um milhão de tweets. As contas selecionadas foram aquelas de veículos jornalísticos que mais receberam retweets e menções no conjunto de dados referente aos primeiros dias do protesto (de 02 a 10 de junho). Os dados foram manualmente retirados das contas de cada veículo no Twitter e subsequentemente filtrados de modo a incluir apenas as mensagens com referência aos protestos. Essas contas foram: @jornaloglobo, @folha_com, @ultimosegundo, @zerohora, @g1, @estadão, @folha_cotidiano, @veja, @canalglobonews, @odiahoje (Anexo 1). Esses veículos foram selecionados em razão da ampla audiência conquistada durante o período dos protestos, como revelada na tabulação dos dados. A partir desta primeira seleção, foram coletados manualmente⁸ todos os tweets dessas contas publicados no período de 10 a 21 de junho de 2013, totalizando 5.033 tweets. Uma vez coletados todos os tweets, essas mensagens foram filtradas para identificar aquelas que contivessem referências ao protesto e/ou manifestantes. Com isso, foram selecionados apenas os tweets que continham as palavras *protesto(s)* e/ou *manifestante(s)* e

8. A partir do acesso ao perfil de cada veículo no Twitter nos dias 26 e 27 de junho de 2013.

seus sinônimos. Este recorte foi necessário para que conseguíssemos chegar a um conjunto de tweets possível de ser analisado através de seu conteúdo e a partir do foco das questões de pesquisa, ou seja, para identificar como os jornais narraram esses protestos no Twitter. Ficamos, assim, com um total de 2.852 tweets. Esses tweets são distribuídos de acordo com a Tabela 1.

Veículo	Total Tweets
@canalglobonews	207
@estadao	408
@folha_com	395
@folha_cotidiano	285
@g1	295
@jornaloglobo	515
@odiahoje	103
@ultimosegundo	180
@veja	181
@zerohora	283
TOTAL	2852

Tabela 1: Total de Tweets Incluídos na Amostra por Veículo

Além disso, também foi calculado o número de retweets gerados por tweet na amostra. Esses dados foram coletados através da API (Interface de Programação de Aplicativos) do Twitter, que identifica o número de RTs (retweets) por mensagem que incluísse um link para o artigo publicado pelo veículo. Com isso, tweets que não incluem links para notícias não puderam ter o número de retweets definido. Um detalhe importante desse método é que ele compreende todos os retweets que incluem o link para a notícia, encampando com isso não apenas os retweets realizados a partir da mensagem original postada pela conta dos veículos, mas também todos os demais tweets e retweets que incluíram o link específico (Figura 2). No total, obtivemos aqui 2.410.679 retweets, distribuídos da seguinte forma: @zerohora, 9.865 retweets; @ultimo-segundo, 12.580 retweets; @odiahoje, 80.123 retweets; @veja, 126.600 retweets, @jornaloglobo, 325.531 retweets; @g1, 1.240.790 retweets; @folha_cotidiano, 32.479 retweets; @folha_com, 73.675 retweets; @estadao, 783.949 retweets e @canalglobonews, 1.984 retweets.

As figuras a seguir mostram o total de tweets publicado por veículo (quando a distribuição é mais uniforme - Figura 1) e o total de retweets por veículo (em que já se observam grandes diferenças - Figura 2).

Na ordem, os veículos que mais receberam retweets foram o @g1, único na casa do 1 milhão de retweets, seguido pelo @estadao, @jornaloglobo e @veja. Os demais têm retweets abaixo de 100 mil.

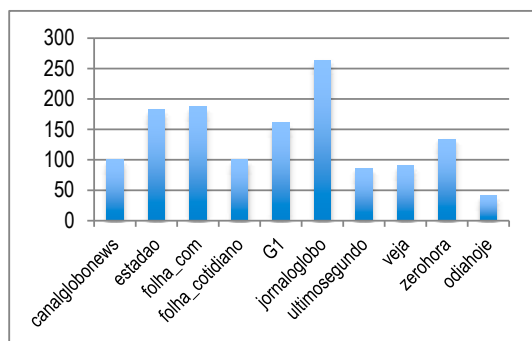


Figura 1: Total de tweets por veículo

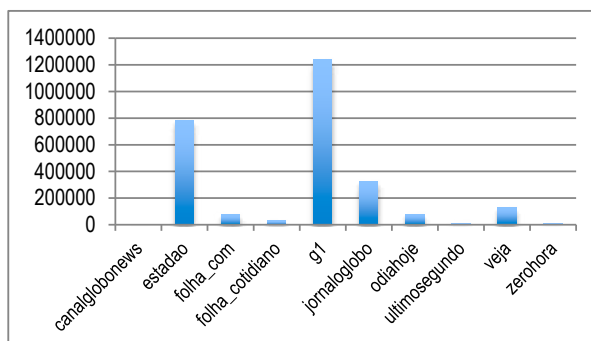


Figura 2: Total de retweets por veículo

Observamos, nesses dois dados, que não há uma relação clara entre veículos que publicam muito e veículos que têm maior quantidade de retweets. As contas dos veículos @estado e @g1 tiveram as mensagens mais reproduzidas, mas não necessariamente de forma proporcional ao número de tweets.

Também foram coletados os dados relativos aos protestos divulgados em sites de notícias. Neste conjunto de dados, conseguimos identificar e sistematizar 268 protestos ocorridos no mesmo período dos tweets em mais de 200 cidades brasileiras e com a participação de mais de 2,5 milhões de pessoas. Para esses protestos, nós contabilizamos o número de participantes, feridos, presos e mortos com base em dados oficiais divulgadas pela imprensa online.

Para uma melhor avaliação da temporalidade da cobertura e suas mudanças no tempo, os tweets e retweets coletados foram divididos em três períodos iguais de quatro dias no mês de junho: um primeiro, de 10 a 13, caracterizado pelos primeiros protestos que obtiveram atenção dos jornais, a seguir, do dia 14 ao dia 17, quando os protestos começam a espalhar-se pelo país e, finalmente, de 18 a 21 de junho, ocorrendo nesse último dia a primeira manifestação oficial do governo brasileiro sobre os eventos.

Análise Geral dos Dados

Protestos no Twitter: Pacíficos ou Violentos?

Cada tweet foi, a seguir, analisado de forma qualitativa; procurou-se categorizar os tweets de acordo com o seu foco narrativo no protesto e nos manifestantes. Procedeu-se, com isso, a uma análise de conteúdo (Krippendorff, 2013) inicial para organizar os tweets e destacar assim a categoria *violência*. A Análise de Conteúdo prevê, em seu núcleo, o desenvolvimento de procedimentos de codificação textual buscando em categorias paulatinamente mais abrangentes, bem como a constante checagem e readaptação dessas categorias (Ibid.). A categoria principal focada neste trabalho foi aquela da violência.

Assim, os tweets e seus 140 caracteres constituíram-se nas nossas unidades estruturais de análise, a partir das quais reconstruímos as categorias discursivas dos tweets em questão. Essa codificação e posterior categorização foi realizada por dois pesquisadores conjuntamente, para que pudesse ocorrer a checagem e readaptação das categorias.

Neste trabalho, nossa amostragem é inicialmente longitudinal. Para compreender se os protestos são classificados como violentos ou não, precisamos inicialmente compreender como eles foram descritos. Portanto, nós fizemos uma amostragem por evento, selecionando apenas aqueles tweets que diziam respeito aos episódios analisados.

Para a análise dos dados não se utilizou um método consolidado, mas um conjunto de procedimentos metodológicos construídos em comum acordo entre os pesquisadores, que será descrito a seguir. Primeiro, os tweets foram inicialmente analisados e categorizados de acordo com o foco dado aos protestos em si. Nossa primeira classificação focou aqueles tweets que descreviam os protestos e os narravam e aqueles tweets que associavam outros fatos aos protestos, sem qualificar os protestos em si. Esta forma de análise é uma codificação semântica, construída a partir da verificação da frequência de conceitos e palavras existentes no corpus que davam aos tweets uma determinada carga semântica. Ou seja, trata-se de uma análise da construção de sentido das sentenças, de acordo com o método de codificação explicitado pela Análise de Conteúdo (Krippendorff, 2013).

Em seguida, e embora muitos tweets pudessem ser enquadrados em mais de uma categoria, procedeu-se classificando naquela considerada mais forte, ou seja, a que conteria o foco principal do(s) enunciado(s) (Tabela 2).

A grande categoria que nos interessa imediatamente é aquela que foca a narrativa e a descrição dos protestos. Nela, vemos imediatamente que as categorias *violência* e *factual* são as mais comuns e respondem por mais de 70% da cobertura jornalística. A classe *violência* compreende todos aqueles tweets que narraram os protestos como violentos, em oposição direta à categoria *pacífico*, em que os eventos são narrados ressaltando esta característica. As demais categorias implicam em formas de narração, mas sem qualificar os protestos. Observe-se que, enquanto *violência* compreende 36,3% do total de tweets coletados, a categoria *pacífico* compreende apenas 2,1%. Esse dado evidencia que: 1) a narrativa dos veículos jornalísticos no Twitter está concentrada na descrição da violência nos protestos, uma vez que foi aquela com maior quantidade de tweets; 2) que essa descrição ocorreu com maior frequência do que aquelas consideradas como eventos *pacíficos* ou tranquilos, ou seja, em que os protestos transcorreram sem o registro de acontecimentos violentos.

Tabela 2: Categorias emergentes da Análise de Conteúdo

	Categoria	Conteúdo	Palavras Frequentes	Exemplo
Descrevem os protestos em si	Dimensão	O foco da descrição está na dimensão do evento.	Números, alcance, cidades, estados.	“Contra Estatuto do Nascituro, mais de 16 mil prometem protesto em ao menos 11 cidades”. http://bit.ly/19YC1WM
	Violência	O foco da descrição está na violência dos protestos.	Agressões, feridos, mortos, detidos, confronto, vandalismo.	“Protesto contra aumento da passagem de ônibus termina com confronto e prisões”. http://goo.gl/Atb4o
	Pacífico	Foco na descrição dos protestos como eventos pacíficos.	Pacífico, sem violência, calmo etc.	“No Rio, registro é de clima pacífico nas manifestações contra o aumento da tarifa de ônibus”. http://glo.bo/14zsvXT
	Factual	Foco na descrição dos protestos através da narração do evento.	Ao vivo, acontece.	“Políciais e servidores públicos abrem dia de protestos na avenida Paulista”. http://bit.ly/192K2c5
Relacionam outros fatos aos protestos	Fatos Diversos	Os protestos são descritos através de factoides, curiosidades, personagens etc.	Personagens, curiosidades e factoides.	“Manifestantes classe A se reúnem no shopping Iguatemi antes de ato”. http://folha.com.br/no1296873
	Trânsito	Foco nos problemas de trânsito causados pelos protestos.	Fechar, desvio, bloqueio.	“Protestos marcados para hoje devem travar trânsito na região da av. Paulista”. http://folha.com.br/no1293048
	Opinião	Tweets em geral que dão voz a um participante, autoridade, sem qualificação do evento, mas com link para a matéria.	Disse, opina etc.	“Dilma diz que “Brasil acordou mais forte após manifestações”. http://folha.com.br/no1296978
	Participação	Foco na interação com os seguidores.	Convites para enviar imagens, participar e etc.	“Participe: o que te motiva a sair às ruas e protestar?”. http://wp.clicrbs.com.br/doleitor/euvou/
	Análise	Foco na análise dos eventos por especialistas, tenta-se compreender o que acontecia. Também aparecem sem qualificação.	Analisa, explica.	“Amelia Gonzalez: para quem os manifestantes estão fazendo suas reivindicações?”. http://glo.bo/1aqwaK9
	Apoio	Tweets que narram apoio aos protestos.	Apoiam.	“Une e Ubes apoiam novos protestos contra aumento dos ônibus marcados para hoje no Rio e em SP”. http://migre.me/fozkj

A quantidade de tweets em cada categoria pode ser observada na Tabela 3 a seguir:

Tabela 3: Classificação das categorias em números e percentuais

	Categorias	Número de Tweets	% sobre o total
Relacionam outros fatos aos protestos	análise	99	4,3%
	apoio	37	1,6%
	Fatos diversos	137	6%
	opinião	21	0,9%
	participação	7	0,3%
	trânsito	141	6,1%
Descrevem os protestos	pacífico	49	2,1%
	dimensão	144	6,3%
	factual	818	35,8%
	violência	829	36,3%

Passemos, agora, a analisar de que forma essa violência é construída e associada aos protestos.

Protestos como Eventos Violentos

Para examinarmos em maior profundidade o foco na violência, é preciso observar os tweets sobre a violência no tempo e por veículos. Estes, assim, foram analisados buscando-se compreender: a) De quem é a violência narrada, ou seja, quem é o sujeito ativo desta violência; b) Contra quem é a violência narrada, ou seja, quem sofre a violência/quem é o sujeito passivo na narrativa. Para melhor compreender como essas narrativas foram geradas, separou-se o estudo em três períodos. O primeiro, de 10 a 13 de junho, compreende o início dos protestos. O segundo, de 14 a 17 de junho, é o período em que começa a ocorrer uma maior cobertura midiática dos eventos. Finalmente, o terceiro período, de 18 a 21 de junho, compreende o momento em que há o maior número de protestos ocorrendo simultaneamente⁹.

Observamos a seguir, na distribuição dos tweets que narram os protestos como eventos violentos por veículo (Figura 3), a proporção de tweets com enfoque na violência dos protestos dentro do total de tweets de cada veículo. Dentre os veículos analisados, o percentual médio de tweets que enfocaram os protestos como violentos ficou em torno de 30%. Os veículos com maior percentual descrevendo a violência foram primeiro o @jornaloglobo, com 39,9%; @ultimosegundo, com 39,4%; @zerohora, 36,8%; @folha_com, 33,4%; @folha_cotidiano, com 33,4%; @canalglobonews, 32%; @g1 e @estadao com 31%. Os veículos com menor percentual de tweets sobre a violência foram @veja com 29,8% e @odiahoye com 24,2%. De um modo geral, podemos observar que pelo menos um terço dos tweets dos veículos descreveu os protestos como eventos violentos.

9. Em sentido semelhante, Singer (2013) divide os protestos de junho no Brasil em três momentos: o primeiro momento vai até 13 de junho e compreende os primeiros protestos isolados; o segundo momento vai de 17 a 21 de junho e corresponde ao ápice dos protestos; por fim, no terceiro período, do dia 21 até o final do mês, o movimento se fragmenta em manifestações parciais com objetivos específicos.

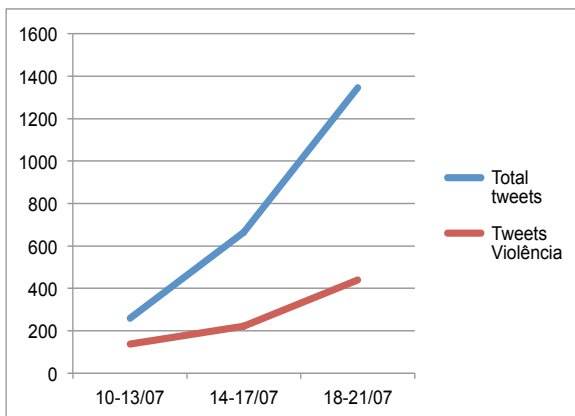
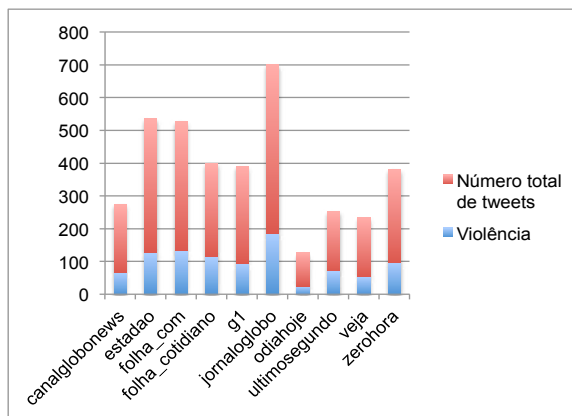


Figura 3: Tweets sobre violência sobre o total de tweets por veículo. Figura 4: Total de tweets e tweets sobre violência por veículo.

Na Figura 4 podemos observar a distribuição dos tweets nos três períodos analisados. Nota-se um crescimento do número de tweets que narram os protestos como eventos violentos na mesma medida em que vemos um aumento no número de tweets sobre os protestos. Entretanto, é importante observar que nos primeiros dias temos uma proximidade muito grande das duas linhas, o que indica que inicialmente o foco na violência foi maior do que ao final do período analisado, quando cresce também a cobertura dos eventos. Na próxima figura (n. 5), vemos essa distribuição de maneira mais clara, mostrando o número de tweets sobre violência por veículo em cada período analisado. Vemos que a quantidade de tweets focando a violência cresce com força no período de 18 a 21/06. Apesar disso, o primeiro período (de 10 a 13/06) também apresenta uma grande quantidade de tweets descrevendo os protestos como violentos, especialmente em termos de proporção ao número total de tweets (Figura 4).

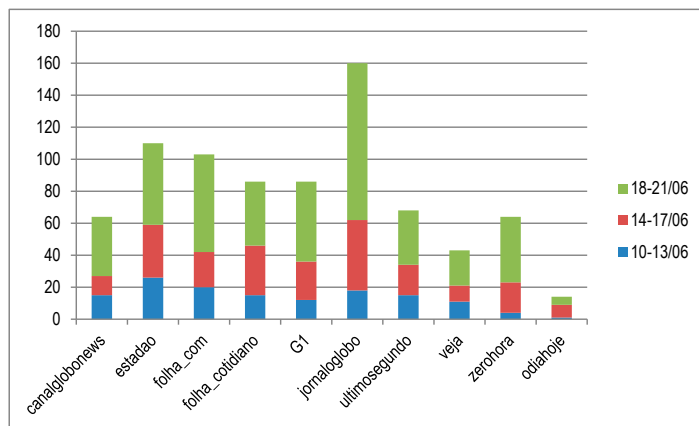


Figura 5: Distribuição dos tweets sobre violência por veículo e por período

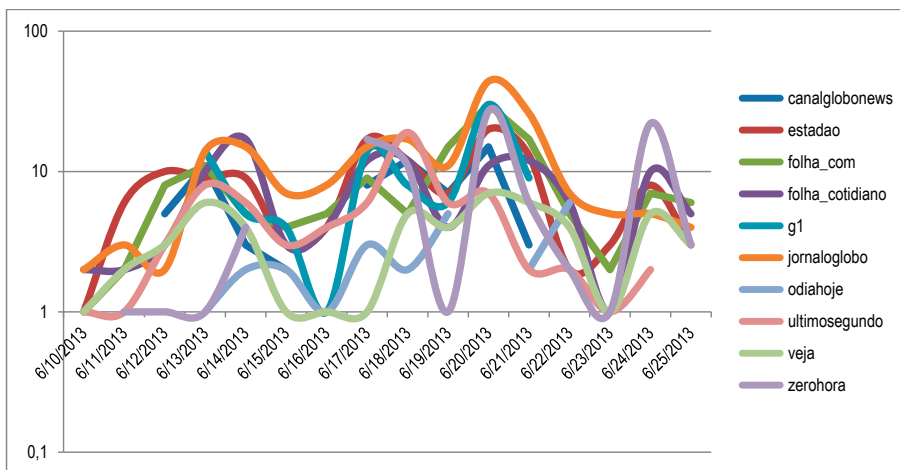


Figura 6: Distribuição dos tweets sobre violência no tempo, por veículo
 (Dados em escala logarítmica - log 10)

A seguir, prosseguiu-se de modo a analisar a cobertura da violência no tempo por veículo. Na Figura 6 vemos os tweets que focaram a violência por dia e por veículo. Observamos aqui a distribuição dos tweets da figura anterior. Há um pico importante de tweets no dia 20, data que reuniu o maior número de manifestações conforme indicado na Figura 7. Esse pico é seguido com alguma variação por todos os veículos. Os demais picos são coincidentes com grandes manifestações no centro do país, com exceção da @zerohora, que tem picos levemente diferentes porque sua cobertura é mais localizada do que a dos demais veículos (foco maior nos protestos em Porto Alegre).

Entretanto, apesar da descrição dos protestos como eventos violentos nos tweets, de acordo com os dados coletados dos próprios veículos jornalísticos a respeito dos mesmos, houve pouquíssima violência, mesmo com o expressivo número de manifestações e participantes. As figuras seguintes (7 e 8) mostram os dados recolhidos sobre o número de participantes dos protestos por dia. Observa-se que o número de episódios reportados cresce especialmente no período de 17 a 21, atingindo seu ápice no dia 20 de junho.

A figura 9 demonstra o mapa sobre a observação de dados específicos de violência, ou seja, quantos mortos e feridos foram registrados nos dados oficiais divulgados relativos aos eventos. Durante todo o período de análise, foram registrados 243 protestos com 432 pessoas presas, 795 pessoas feridas e apenas dois mortos em protestos, perfazendo um total de mais de 2 milhões (2.921.720) de participantes. Vemos que este dado refere-se a menos de 0,6% (1.229 pessoas) do total de participantes.

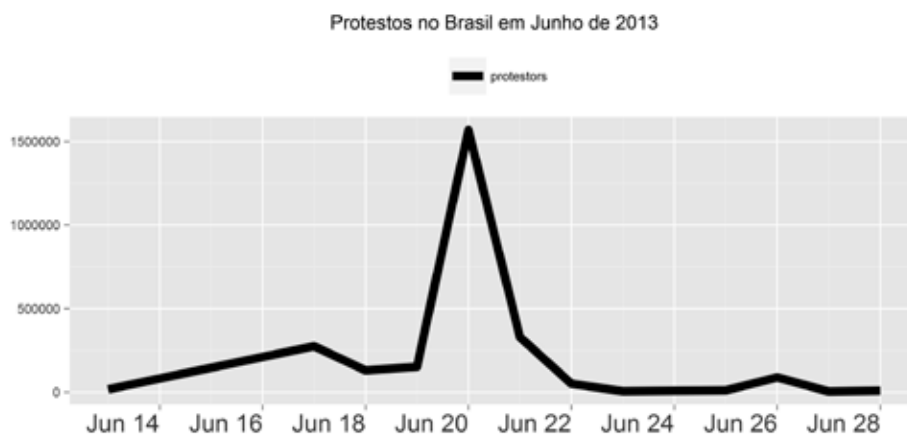


Figura 7: Número de manifestantes durante os protestos em junho

A distribuição dos casos de violência notificados no tempo também é relevante. Observa-se que nos primeiros protestos, com pico entre os dias 11 e 13, há um maior número de pessoas presas e feridas (Fig. 9). Entretanto, o pico da cobertura que noticia a violência está em período posterior (entre os dias 19 e 22 de junho) (Fig. 6). Quando contrapomos essa à figura da distribuição da cobertura sobre a violência no tempo, nota-se que os números oficiais mostram a violência concentrada em períodos anteriores, quando há um pequeno pico nos tweets dos veículos noticiosos.

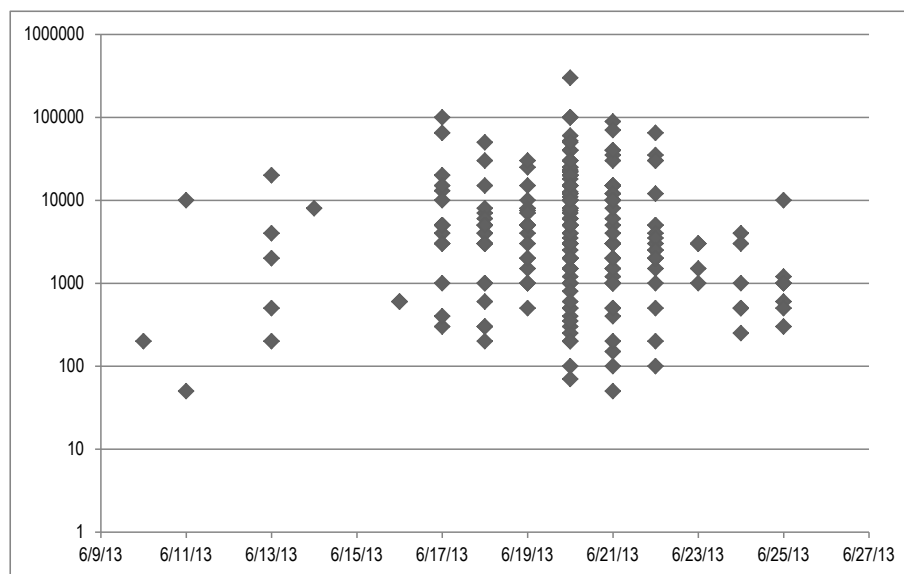


Figura 8: Número de protestos por dia no Brasil, no período

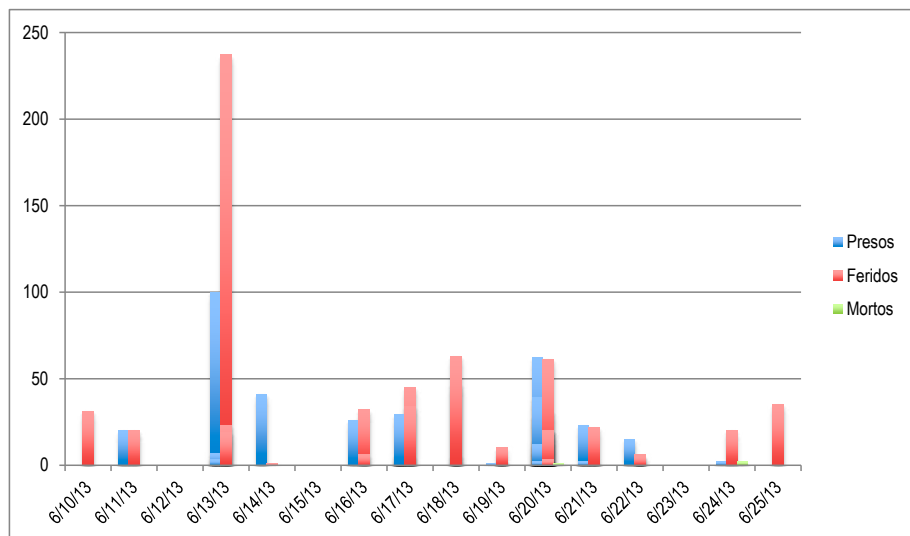


Figura 9: Distribuição do número de mortos, feridos e presos nos protestos de acordo com os veículos observados

Esses dados parecem contradizer a narrativa construída pelos veículos no Twitter. Os períodos com violência mais intensa nos dados oficiais são diferentes daqueles apontados pelo foco narrativo dos veículos jornalísticos no Twitter. Enquanto a maior parte dos tweets dos veículos enfocou a violência e a violência no período final da análise, conforme demonstramos no início deste capítulo, os dados oficiais publicados na cobertura da própria imprensa em seus sites apontam para protestos mais pacíficos do que violentos (se levarmos em consideração os números de presos, mortos e feridos). Nas poucas ocasiões em que a violência é reportada, essas se concentram especialmente no início do período. Neste sentido, a limitação óbvia é que os dados coletados referem-se aos dados oficiais que podem não ser fidedignos¹⁰, ou mesmo que o número de presos tenha sido reduzido com o aumento e a popularização das manifestações. Ainda assim, é bastante relevante observar-se que o número de feridos, apesar de conter vários picos no decorrer do período, não chega sequer próximo aos dos dias 12 e 13 de junho (primeiro período).

Os Sujeitos da Narrativa de Violência

Finalmente, um último dado nos auxilia também a perceber como essa narrativa da violência se constrói. Os tweets que continham menção à violência dos protestos foram classificados com vistas a identificar os sujeitos dessa violência. Nesse conjunto de dados a história contada pelos veículos fica um pouco diferente. Para realizar esta análise, nós selecionamos os tweets cujo conteúdo

10. Os dados divulgados pelos órgãos oficiais dificilmente bateram com aqueles divulgados pelos organizadores das manifestações nas diferentes cidades brasileiras. Os dados oficiais apontavam um número menor de participantes do que aqueles divulgados pelo MPL (Movimento Passe Livre), por exemplo, nas primeiras manifestações.

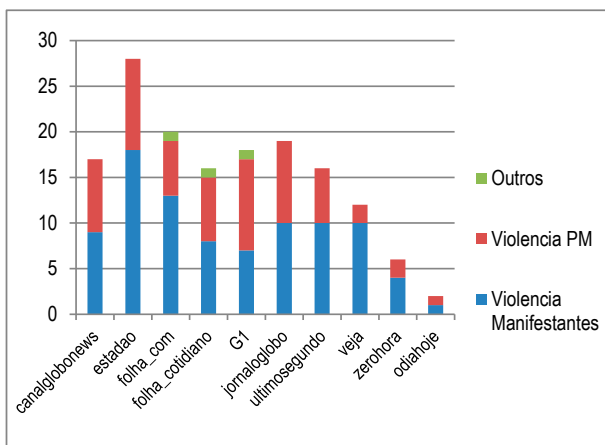
foi classificado como violento e subsequentemente indagamos duas questões: 1) Quem é o sujeito ativo da violência em questão?; 2) Quem é o sujeito passivo da violência em questão? Embora em alguns casos esses sujeitos fossem implícitos, apenas foram considerados os tweets cuja referência era explícita. Como resultados, encontramos 4 (quatro) tipos de atores envolvidos: a polícia militar (PM), os manifestantes, os jornalistas e, a quarta categoria (*outros*) trouxe sujeitos não diretamente envolvidos nos fatos. Em alguns casos, houve uma indissociação dos sujeitos ativo e passivo (por exemplo: *Policiais e manifestantes entram em conflito*). Nestes casos, ambos aparecem como agressores. E em outros casos, não houve identificação de sujeito ativo ou de sujeito passivo.

O primeiro resultado que descreveremos diz respeito à primeira questão. A Figura 10, a seguir, compara os tweets publicados por veículo nos três períodos analisados com relação aos sujeitos ativos da violência. Interessa-nos, nestes dados, quem agride, quem é o sujeito a quem é creditada a violência narrada. Podemos observar que a narrativa dos protestos nos primeiros dias indica que os sujeitos ativos da violência foram os manifestantes (90 tweets), seguidos pela PM (62). É importante notar também que o único veículo que ressaltou a violência da PM nos tweets é o @g1, embora essa diferença seja muito pequena (apenas três tweets). Neste primeiro momento, os protestos ainda aconteceram de forma pontual e localizada.

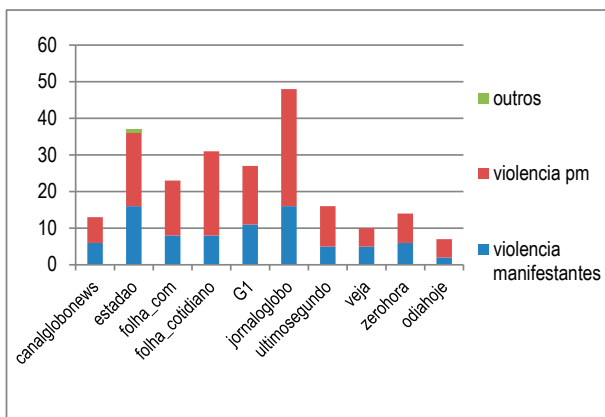
No segundo momento, após o dia 13, nós observamos uma mudança significativa na narrativa. Os sujeitos ativos da violência passam a ser os policiais (PMs) (142 tweets), embora os manifestantes também apareçam como vetores da violência (83). Há uma clara mudança na narrativa do vandalismo por parte dos manifestantes, focando agora as agressões das autoridades. Observamos esta mudança em todos os veículos do corpus exceto o @canalglobonews, em que permaneceu uma prevalência (por uma pequena margem) de tweets narrando a violência dos manifestantes e da @veja, cujo número de tweets de um lado e de outro foi o mesmo.

Finalmente, no terceiro momento, observamos que a narrativa volta ao viés original. Novamente, a violência que é narrada advém dos manifestantes (247 tweets) muito mais do que da PM (141 tweets). Há apenas duas exceções, a @folha_cotidiano, onde há um empate e o @canalglobonews, em cujos tweets a violência da PM está apenas um tweet à frente da dos manifestantes.

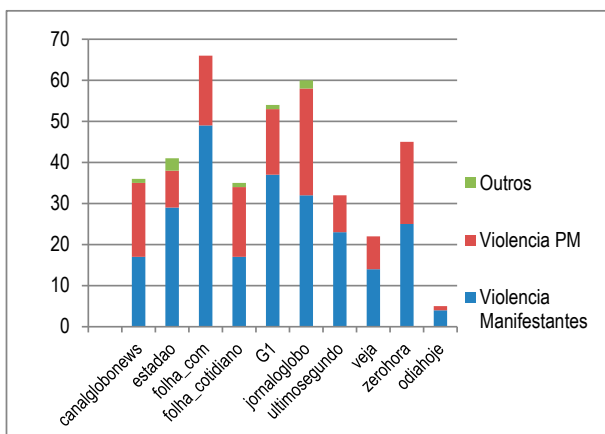
Observamos, assim, que há uma mudança na narrativa no período imediatamente após o dia 13/06, no segundo período de análise, quando os tweets enfocam a repressão aos protestos como sendo violenta, mais do que os protestos em si, retornando com isso à narrativa original da violência dos protestos no terceiro período de análise. Podemos indicar assim que os protestos são narrados como eventos violentos quando a violência inicialmente parte dos

Período 1 -10 a 13/06


Veículo	Violência Manifestantes	Violência PM	Outros
canalglobonews	9	8	0
estadao	18	10	0
folha_com	13	6	1
folha_cotidiano	8	7	1
G1	7	10	1
jornaloglobo	10	9	0
ultimosegundo	10	6	0
veja	10	2	0
zerohora	4	2	0
odiahoje	1	1	0
TOTAL	90	61	3

Período 2 - 14 a 17/06


Veículo	Violência Manifestantes	Violência PM	Outros
canalglobonews	6	7	0
estadao	16	20	1
folha_com	8	15	0
folha_cotidiano	8	23	0
G1	11	16	0
jornaloglobo	16	32	0
ultimosegundo	5	11	0
veja	5	5	0
zerohora	6	8	0
odiahoje	2	5	0
TOTAL	83	142	1

Período 3 - 18 a 21/06


Veículo	Violência Manifestantes	Violência PM	Outros
canalglobonews	17	18	1
estadao	29	9	3
folha_com	49	17	0
folha_cotidiano	17	17	1
G1	37	16	1
jornaloglobo	32	26	2
ultimosegundo	23	9	0
veja	14	8	0
zerohora	25	20	0
odiahoje	4	1	0
TOTAL	247	141	8

Figura 10: Dados dos participantes ativos na violência

manifestantes, é deslocada para a polícia como vetor da violência (ou na repressão dos protestos) no segundo momento, e finalmente retorna aos manifestantes no terceiro período. De um modo geral, portanto, os sujeitos ativos foram apontados pela narrativa como os manifestantes.

Entretanto, quem são os sujeitos passivos dessa violência? Quem sofre a violência de acordo com os veículos? Se os manifestantes foram os principais agressores, quem foram as vítimas?

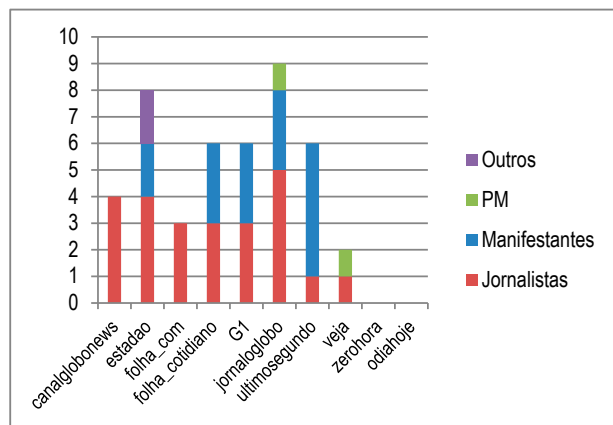
Esta informação também é relevante para que se compreenda melhor como estas narrativas posicionam a violência. Na Figura 11, a seguir, mostramos o que dizem os tweets. É importante notar, primeiramente, que além de policiais e manifestantes, aparece aqui uma terceira categoria, a dos jornalistas. Os profissionais, enquanto vítimas das agressões, tornam-se também sujeitos nos tweets que narram os protestos. Já no primeiro recorte temporal, os jornalistas surgem como as principais vítimas da violência (24 tweets), seguidos pelos manifestantes (16 tweets). Alguns veículos, como o @folha_com, @veja e o @canalglobonews, inclusive, citam os jornalistas como as únicas vítimas da violência dos protestos no período analisado.

Curiosamente, a maior parte dos tweets que cita os jornalistas como vítimas não implica que estes foram alvos dos manifestantes, mas da repressão policial. Observamos, portanto, que houve um maior destaque para os jornalistas enquanto vítimas, seguida pelos manifestantes na mesma situação. Há pouco destaque para as vítimas que façam parte do corpo da polícia.

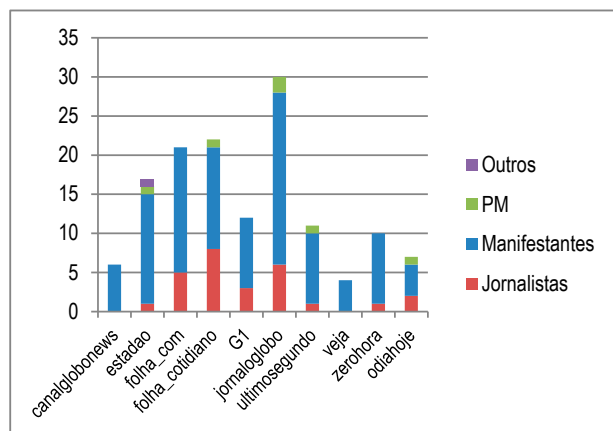
No segundo momento, há uma mudança pontual. Após o dia 13 de junho, os manifestantes também aparecem como vítimas com mais evidência (106 tweets), juntamente com os jornalistas (27) e outros. Há também um número maior de tweets reportando policiais como vítimas, embora ainda bastante inferior ao dos demais. Novamente, há grande destaque para os jornalistas enquanto vítimas, embora os manifestantes sejam novamente os sujeitos passivos mais citados.

Esta tendência segue pelo terceiro período, quando novamente os manifestantes são as grandes vítimas da violência dos protestos (96 tweets). Desta vez, entretanto, a categoria *outros*, que compreende pessoas não envolvidas diretamente com os protestos, surge com ênfase (18 tweets) em segundo lugar. A seguir, os PMs aparecem também (8 tweets) e, a seguir, os jornalistas. Temos, aqui, outra mudança narrativa. Neste terceiro período, os manifestantes são os causadores e as vítimas da violência, bem como os *outros* (outros atores da sociedade).

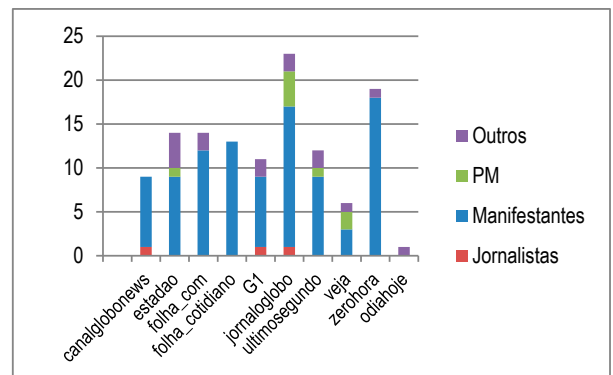
Estes dados mostram que as vítimas da violência, quando aparecem nos tweets, são notadamente os próprios manifestantes (que também são os maiores agressores), o que implicaria no fato de que são causa e efeito de si mesmos e de suas ações. Os jornalistas recebem maior atenção quando são vitimados pela

Período 1 - 10 a 13/06


Veículo	Jornalistas	Manifestantes	PM	Outros
canalglobonews	4	0	0	0
estadao	4	2	0	2
folha_com	3	0	0	0
folha_cotidiano	3	3	0	0
g1	3	3	0	0
jornalgloblo	5	3	1	0
ultimosegundo	1	5	0	0
veja	1	0	1	0
zerohora	0	0	0	0
odiahoje	0	0	0	0
TOTAL	24	16	2	2

Período 2 - 14 a 17/06


Veículos	Manifestantes	Jornalistas	PM	Outros
canalglobonews	6	0	0	0
estadao	14	1	1	1
folha_com	16	5	0	0
folha_cotidiano	13	8	1	0
g1	9	3	0	0
jornalgloblo	22	6	2	0
ultimosegundo	9	1	1	0
veja	4	0	0	0
zerohora	9	1	0	0
odiahoje	4	2	1	0
TOTAL	106	27	6	1

Período 3 - 18 a 21/06


Veículo	Manifestantes	Jornalistas	PM	Outros
canalglobonews	8	1	0	0
estadao	9	0	1	4
folha_com	12	0	0	2
folha_cotidiano	13	0	0	0
g1	8	1	0	2
jornalgloblo	16	1	4	2
ultimosegundo	9	0	1	2
veja	3	0	2	1
zerohora	18	0	0	1
odiahoje	0	0	0	1
TOTAL	96	3	8	15

Figura 11: Dados das vítimas da violência (sujeitos passivos)

violência, especialmente no segundo período, quando a PM também surge como principal agressora. Esse dado parece implicar que há uma correlação entre o destaque para a polícia como sujeito ativo da violência e os jornalistas enquanto vítimas. No terceiro período há um destaque também para outras vítimas dos protestos (categoria *outros*), indicando uma mudança na narrativa para os efeitos da violência contra pessoas que estão *fora* dos protestos. Entretanto, de um modo geral, no primeiro e no segundo período os manifestantes são situados como sujeitos ativos e passivos da violência dos protestos.

Também é importante notar que no início do período analisado o número de tweets indicando a vítima da violência é pequeno, especialmente em comparação com o segundo período. Estes dados revelam indícios de uma mudança na cobertura, uma vez que os jornalistas passaram também a ser vítimas da repressão policial. Esses eventos podem ter modificado o foco da narrativa no segundo momento, em que a PM, representando as autoridades, é construída como violenta, enquanto o foco nos manifestantes como sujeitos ativos da violência é reduzido. No terceiro período de análise, a narrativa volta ao esquema original, ou seja, os manifestantes são ao mesmo tempo sujeitos ativos e vítimas da violência.

Finalmente, observamos uma assincronia entre o período em que houve aumento de tweets sobre a violência (particularmente a violência dos manifestantes) e o período de maior incidência de protestos violentos de acordo com a própria imprensa. De maneira paradoxal, a narrativa do conjunto estudado de veículos jornalísticos no Twitter torna-se mais violenta na medida em que os dados dos protestos apontam uma redução nos registros totais de prisões, mortos e feridos.

DISCUSSÃO

Como podemos perceber a partir dos dados analisados, a limitação de caracteres imposta pela plataforma social não impediu que veículos jornalísticos no Twitter fizessem uma cobertura pautada pela narrativa da violência, ainda que esta não tenha sido uma característica essencial dos protestos conforme os números relativos a presos, mortos e feridos demonstram. Os resultados mostram que a cobertura da imprensa foi factual com expressiva ênfase nos vetores da violência e da factualidade (das mensagens analisadas das quais mais de 50% focadas na violência).

A partir dos dados levantados, observamos alguns elementos relevantes. Primeiramente, há um claro descompasso entre a cobertura dos protestos realizada no Twitter e os dados dos protestos divulgados pelos mesmos veículos jornalísticos em seus sites. O baixíssimo foco na descrição dos protestos como

eventos pacíficos na sua maioria (segundo os dados oficiais) reforça mais a visibilidade da violência. Além disso, observamos uma assincronia entre os períodos em que a violência ganha espaço na cobertura dos veículos no Twitter e os períodos em que a violência realmente é destacada com ênfase nos dados divulgados por fontes oficiais.

Com isso, surgem os dois tipos de parcialidade propostos por McCarthy, McPhail & Smith (1996), ou seja, os veículos no Twitter não apenas parecem selecionar notícias que tragam o enfoque principal para a violência, como igualmente descrevem os protestos como mais violentos do que efetivamente parecem ter sido (parcialidade de descrição). Essas duas parcialidades evidenciam-se pelo número de tweets focando a violência e sua distribuição no tempo, quando não há coincidência entre a narrativa dos fatos pelos veículos no Twitter e os dados oficiais divulgados em seus próprios sites. Essa parcialidade também é semelhante àquela descrita por Wei et al. (2013).

Ao mesmo tempo, essa opção pela narrativa da violência parece justificar-se pela atenção que esses tweets (que narram os protestos como violentos) recebem, novamente ressaltando o que Smith et al. (2001) argumentam a respeito da parcialidade de seleção estar fortemente relacionada com a busca pela audiência. Isso mostra um comportamento dos veículos jornalísticos no Twitter muito semelhante aquele observado pelos veículos em seu espaço offline, no qual inúmeras outras limitações atuam (ao contrário do online). Embora isso pudesse ser creditado à audiência, a análise dos retweets mostrou que, em média, os tweets que mencionavam os protestos como pacíficos receberam 2.311 retweets/tweet, enquanto os que narravam a violência alcançaram 816 retweets/tweet. Mesmo quando comparados aos retweets recebidos por tweets que falavam dos problemas causados pelos protestos no trânsito (891RTs/Tweet), a atenção recebida pelos tweets que narravam a violência não justificaria a parcialidade. Ainda assim, a alta quantidade de retweets contribuiu para dar visibilidade à narrativa de violência associada aos protestos. Além disso, pudemos observar que os veículos recebem muitos retweets apesar de publicarem uma quantidade mais limitada de tweets. Isso implica em uma atenção maior que a dos demais usuários no Twitter (Cha et al., 2010).

Outro elemento importante dessa narrativa é a revelação dos manifestantes, da polícia e dos jornalistas como atores principais dos protestos. Os sujeitos ativos da violência são normalmente os manifestantes, ainda que os sujeitos passivos, aqueles que recebem a violência, também sejam esses mesmos manifestantes. Ou seja, há um reforço da violência como aquela que é proveniente, principalmente, dos participantes do protesto. Essa narrativa só é deslocada para a violência policial quando os jornalistas são as vítimas da

violência, especialmente durante o segundo período analisado. Neste momento, a atenção se volta para a repressão policial. Vemos aqui elementos semelhantes àqueles de Lasorsa, Lewis & Holton (2012), que identificam no Twitter elementos que modificam as ações dos jornalistas, especialmente no que diz respeito à narrativa da violência sofrida pela classe.

No terceiro recorte, entretanto, a narrativa retoma o enfoque na violência dos manifestantes. Essa construção dos veículos noticiosos não só reforça o caráter violento dos protestos, como ainda naturaliza a violência contra os manifestantes, pois transforma-a em causa e consequência dos eventos, influenciando também a percepção dos mesmos. Ainda que a cobertura dos protestos possa ter sido baseada em critérios mais gerais como continuidade e amplitude (número de pessoas envolvidas e área geográfica abrangida), a escolha de quais notícias publicar pode ter sido impactada por outros critérios, como negatividade e frequência, que por sua vez podem ter contribuído para expor no Twitter uma narrativa diferente daquela reportada pelos números dos protestos. Esta atenção demasiada à violência vai ao encontro dos resultados observados por Armstrong & Gao (2010), possivelmente também consequência de critérios de seleção e publicação especificamente focados no assunto.

Finalmente, é importante observar também que os veículos que receberam mais retweets não foram aqueles que mais narraram os protestos como eventos violentos. Apesar de veículos como @folha_cotidiano, @jornaloglobo e @ultimosegundo percentualmente utilizarem mais esse foco sobre o número total de tweets, os veículos que mais repercutiram mensagens em termos de retweets foram @estado e @g1, que estão entre os veículos com menor percentual de tweets sobre violência. Isso traz evidências de que a narrativa da violência talvez não tenha sido aquela que a audiência escolheu repercutir. Ou seja, apesar da grande audiência dos veículos, ainda parece haver alguma seleção dos seguidores a respeito do que repercutir, o que poderia alterar o impacto do discurso do veículo, resultado que reforça os dados apontados no trabalho de Zago e Bastos (2013), de que a ação da audiência, na forma de retweets e postagens com links para notícias, pode contribuir para uma maior ou menor visibilidade das notícias.

Finalmente, há duas formas de seleção das notícias por parte dos veículos no Twitter: o que reportar e como reportar, de um lado, e o que publicar no Twitter, de outro. Assim, embora nos sites as notícias não reforcem tanto o caráter de violência, as escolhas dos veículos quanto ao que publicar no Twitter de certa forma reforçam o caráter violento do evento. Assim, a narrativa concentra-se na violência como dada, e não no caráter largamente mais pacífico dos eventos de acordo com os dados oficiais divulgados.

Essa predominância da violência na cobertura da imprensa pelo Twitter pode estar relacionada aos critérios de noticiabilidade adotados pelos veículos jornalísticos. Um dos componentes da noticiabilidade é o valor-notícia. As notícias seriam produzidas ou escolhidas com base nas “diferentes relações e combinações que se estabelecem entre diferentes valores/notícia, que ‘recomendam’ a seleção de um fato” (Wolf, 1999: 195-196). Assim, alguns valores, como atualidade ou excepcionalidade de um fato, contribuem para que algo seja noticiado. Nesse sentido, reportar a violência nos protestos pode ter uma carga de noticiabilidade maior do que reportar protestos pacíficos.

CONCLUSÕES

O presente trabalho teve por objetivo analisar como os protestos de junho de 2013 no Brasil foram descritos pelos veículos jornalísticos no Twitter, tomando como principal categoria a violência. Os resultados indicam que a cobertura da imprensa, ao menos dentre os tweets publicados dos 10 veículos estudados, foi factual e com ênfase nos vetores da violência (mais de 1/3 do total de mensagens analisadas). Os resultados também mostram uma assincronia entre o período em que se registrou um aumento de tweets sobre a violência (particularmente a violência dos manifestantes) e a ocasião de maior incidência de protestos violentos de acordo com informações obtidas através dos próprios veículos. Além disso, os veículos tenderam a desenvolver narrativas focadas na violência dos manifestantes em larga escala e na vitimização dos mesmos, exceto quando os jornalistas, por si, tornaram-se vítimas. Neste caso, a mudança narrativa para o foco da violência policial se estabelece. Finalmente, observamos também que, de forma paradoxal, essa narrativa torna-se mais focada na violência na medida em que os registros apontam para uma redução da mesma e um aumento dos protestos. Outrossim, observamos também que os dados dos retweets resultam em atenção e visibilidade para os veículos, mas não na mesma medida em que estes reproduzem a violência.

É importante ressaltar que os resultados aqui apresentados e discutidos referem-se a um recorte específico (tweets de 10 veículos no Twitter), e podem não ser generalizáveis nem à imprensa em geral nem aos veículos no Twitter. De qualquer modo, este estudo é um ponto de partida para a discussão sobre as narrativas durante a cobertura dos protestos. A partir desta análise, esperamos que outros trabalhos possam utilizar-se do foco e dos dados para compreender o papel do jornalismo no Twitter na cobertura de eventos e seus efeitos nas construções discursivas e narrativas sobre os protestos no Brasil. **M**

REFERÊNCIAS

- ARMSTRONG, C. L. & GAO, F. Now Tweet This: How News Organizations Use Twitter. *Electronic News*, v. 4, n. 4, p. 218-235, Sage, 2010. Disponível em: <<http://www.scribd.com/doc/61297190/Armstrong-Gao-2010-How-News-Organizations-Use-Twitter>>. Acesso em: 2 dez. 2013.
- BASTOS, M. T.; RECUERO, R.; ZAGO, G. Taking tweets to the streets: A spatial analysis of the Vinegar Protests in Brazil. *First Monday*, [S.l.], feb. 2014. ISSN 13960466. Disponível em: <<http://journals.uic.edu/ojs/index.php/fm/article/view/5227/3843>>. Acesso em: 4 mar. 2014. DOI: 10.5210/fm.v19i3.5227
- BRUNO, N. *Tweet first, verify later?* How real-time information is changing the coverage of worldwide crisis events. Oxford: Reuters Institute, 2011. 77 p.
- BRUNS, A.; HIGHFIELD, T. Blogs, Twitter, and Breaking News: The Producers of Citizen Journalism. In: ANN LIND, R. (org.). *Producing Theory in a Digital World: The Intersection of Audiences and Production*. New York: Peter Lang, 2012. p. 15-32.
- BRUNS, A.; LIANG, Y. E. Tools and methods for capturing Twitter data during natural disasters. *First Monday*, v. 17, n. 4, 2012. DOI: 10.5210/fm.v17i4.3937
- CHA, M.; HADDADI, H.; BENEVENUTO, F.; GUMMADI, K.P. Measuring user influence in Twitter: The million follower fallacy. *Proceedings of ICWSM'10*, 2010.
- COLEMAN, R., & THORSON, E. The effects of news stories that put crime and violence into context: Testing the public health model of reporting. *Journal of Health Communication*, V. 7, Iss. 5, p. 401-425, 2002. DOI: 10.1080/10810730290001783
- DITTON, J.; DUFFY, J. Bias in the Newspaper Reporting of Crime News. *Brit. J. Criminology*, V. 23, n. 2, p. 159-165, 1983. Disponível em: <<http://heinonline.org/HOL/LandingPage?handle=hein.journals/bjcrim23>>. Acesso em: 2 dez. 2013.
- HERMIDA, A. Twittering the News: The emergence of Ambient Journalism. *Journalism Practice*, v. 4, n. 3, p. 297-308, 2010. DOI: 10.1080/17512781003640703
- HERMIDA, A. Tweets and Truth: Journalism as a discipline of collaborative verification. *Journalism Practice*, v. 6, n. 5-6, p. 659-668, 2012. DOI: 10.1080/17512786.2012.667269
- JAVA, A.; SONG, X.; FINN, T.; TSENG, B. Why We Twitter: Understanding microblogging usage and communities. *Proceedings of the Joint 9th WEBKDD*, 2007.
- KAVANAUGH, A., YANG, S., LI, L., SHEETS, S., FOX, C. Microblogging in crisis situations: Mass protests in Iran, Tunisia, Egypt. Workshop on Transnational HCI, *Conference on Human Factors in Computing Systems - CHI*, 2011, Vancouver: Canada. Disponível em: <http://www.princeton.edu/~jvertesi/TransnationalHCI/Participants_files/Kavanaugh.pdf>.
- KRIPPENDORF, H. *Content Analysis: An Introduction to Its Methodology*. Sage: 2013, 2nd edition.

- KWAK, H; LEE, C; PARK, H.; MOON, S. What is Twitter, a social network or a news media? Proceedings of WWW'10 - 19th International Conference on World Wide Web, p. 591- 600, 2010.
- LASORSA, D.L.; LEWIS, S. C. & HOLTON, A. E. Normalizing Twitter: Journalism practice in an emerging communication space. *Journalism Studies*, v. 13, Iss. 1, p. 19-36, 2012. DOI: 10.1080/1461670X.2011.571825
- LOTAN, Gilad; GRAEFF, Erhardt, ANANNY, Mike; GAFFNEY, Devin; PEARCE, Ian; BOYD, danah. The Revolutions Were Tweeted: Information flows during the 2011 Tunisian and Egyptian Revolutions. *International Journal of Communication*, v.5, 2011. Disponível em: <<http://ijoc.org/index.php/ijoc/article/view/1246>>. Acesso em: 2 dez. 2013.
- LUNDEN, Ingrid. Twitter May Have 500M+ Users But Only 170M Are Active, 75% On Twitter's Own Clients. TechCrunch, online. Jul 31, 2012. Disponível em: <<http://techcrunch.com/2012/07/31/twitter-may-have-500m-users-but-only-170m-are-active-75-on-twitters-own-clients/>>.
- MALINI, Fabio. Atravessamos! O #protestoES e as novas narrativas em tempo real. Labic - Laboratório de estudos sobre Imagem e Cibercultura - UFES. Online. 21 jun. 2013. Disponível em: <<http://www.labic.net/sem-categoria/atravessamos-o-protestoes-abre-nova-hegemonia-sobre-o-relato-em-tempo-real/>>.
- MALINI, F. e ANTOUN, H. @Internet e a Rua. Porto Alegre: Sulina, 2013.
- MCCARTHY, John D., MCPHAIL, C. & SMITH, J. Images of Protest: Selection Bias in Media Coverage of Washington, D.C. Demonstrations. *American Sociological Review*, V. 61, N. 3 (June: 478-499), 1996.
- MORAES, T.; SANTOS, R. Os protestos no Brasil: Um estudo sobre as pesquisas na web, e o caso da Primavera Brasileira. *Revista Internacional de Investigación en Ciencias Sociales*. V. 9, n. 2, p. 193-206, diciembre 2013.
- POEL, T. & BORRA, E. Twitter, Youtube, and Flickr as platforms of alternative journalism: the social media account of the 2010 Toronto G20 protests. *Journalism*, v. 13, n. 8, 2011. DOI: <http://dx.doi.org/10.1177/1464884911431533>
- RECUERO, R. Deu no Twitter, alguém confirma? Funções do Jornalismo na Era das Redes Sociais. *Congresso da Sociedade Brasileira de Pesquisa em Jornalismo*, Rio de Janeiro, UFRJ, 2011.
- SILVA, F. Jornalismo live streaming: tempo real, mobilidade e espaço urbano. VI *Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo*. SBPjor: São Paulo, 2008.
- SINGER, J. B. User-generated visibility: Secondary gatekeeping in a shared media space. *New Media & Society*, v. X, n. X, 2013. DOI: <http://dx.doi.org/10.1177/1461444813477833>
- SMITH, J.; MCCARTY, J.; MCPHAIL, C. & AUGUSTYN, B. From Protest to Agenda Building: Description Bias in Media Coverage of Protest Events in Washington, D.C. *Social Forces*, v. 79, n. 4, p. 1397-1423, June 2001.

- SOUSA, C.; SOUZA, A. (orgs.). *Jornadas de Junho: Repercussões e Leituras*. Campina Grande: EDUEPB, 2013.
- VIS, F. Twitter as a reporting tool for breaking news. *Digital Journalism*, V. 1, n. 1, p. 27-47, 2012. DOI: <http://dx.doi.org/10.1080/21670811.2012.741316>
- WEI, Z.; HE, Y; GAO, W.; LI, B.; ZHOU, L. WONG, K. Mainstream Media Behavior Analysis on Twitter: A Case Study on UK General Election. *Proceedings of ACM Conference on Hypertext and Social Media*. Hypertext' 2013, Paris. Disponível em: <<http://www1.se.cuhk.edu.hk/~zywei/paper/Hypertext2013-174-Wei.pdf>>. Acesso em: 2 dez. 2013.
- WOLF, M. *Teorias da Comunicação*. 5. ed. Lisboa: Editorial Presença, 1999.
- ZAGO, G. Da circulação à recirculação jornalística: filtro e comentário de notícias por interagentes no Twitter. XXI Encontro Anual da Compós. *Anais...* Juiz de Fora, MG: Compós, 2012. Disponível em: <<http://www.compos.org.br/pagina.php?menu=8&mmenu=o&fcodigo=1896>>. Acesso em: 5 fev. 2013.
- ZAGO, G.; BASTOS, M.T. Visibilidade de Notícias no Twitter e no Facebook: Análise comparativa das notícias mais repercutidas na Europa e nas Américas. *Brazilian Journalism Research*, v. 9, n. 1, 2013.

Artigo recebido em 5 de dezembro de 2013 e aprovado em 4 de setembro de 2014.

Anexo 1: Dados sobre os 10 perfis analisados¹¹

Perfil	Veículo	Data de criação	Número de tweets	Número de seguidores
Estadao	Perfil do jornal Estado de S.Paulo, do Estado de SP.	Outubro de 2007	92.067	829.460
folha_cotidiano	Perfil da editoria cotidiano do jornal Folha de S.Paulo, do Estado de SP.	Novembro de 2009	49.806	18.368
folha_com	Perfil do jornal Folha de S.Paulo, do Estado de SP.	Abril de 2008	110.002	831.259
g1	Perfil do portal de notícias G1, mantido pela Globo.	Setembro de 2007	264.673	1.894.732
canalglobonews	Perfil do canal televisivo de notícias Globo News.	Maio de 2010	33.420	562.257
JornalOGlobo	Perfil do jornal O Globo, do Estado do RJ.	Julho de 2009	95.284	996.375
odiahoje	Perfil mantido pelo jornalista Flávio Arantes, com notícias sobre o Brasil e o mundo.	Junho de 2009	34.948	25.556
ultimosegundo	Perfil do portal Último Segundo, do grupo iG.	Agosto de 2007	87.575	167.465
veja	Perfil da revista semanal Veja.	Novembro de 2008	110.242	2.542.635
zerohora	Perfil do jornal Zero Hora, do Estado do RS.	Fevereiro de 2008	34.241	333.960

11. As informações sobre número de tweets e número de seguidores foram coletadas à época do estudo, entre os dias 26 e 27 de junho de 2013.